Estrutura geral

O livro possui dois tempos, o da enunciação e o do enunciado, que já se apresentam no começo da história.

> Há-de pensar muita gente que V. Exª não dá valor algum a este livro, que a minha gratidão lhe dedica, porque muita gente está persuadida que ministros do Estado não lêem novelas. É um engano. Uma vez, ouvi eu um colega de V. Exª discorrer no Parlamento acerca de caminhos-de-ferro. Com tanto engenho o fazia, de tantas flores matizara aquela matéria, que me deleitou ouvi-lo. Na noite desse dia encontrei o colega de V. Exª a ler a Fanny, aquela Fanny que sabia tanto de caminhos-de-ferro como eu.
>
> Que V. Exª tem romances na sua biblioteca é convicção minha. Que lá tem alguns que não leu, porque o tempo lhe falece, e outros porque não merecem tempo, também o creio. Dê V. Exª no lote dos segundos, um lugar a este livro, e terá assim V. Exª significado que o recebe e aprecia, por levar em si o nome do mais agradecido e respeitador criado de V. Exª.
>
> Na cadeia da Relação do Porto, aos 24 de Setembro de 1861.
>
> Folheando os livros de antigos assentamentos no cartório das cadeias da Relação do Porto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a fl. 232, o seguinte:
>
> Simão António Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na ocasião de sua prisão na cidade de Viseu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, colete de fustão pintado e calça de pano pedrês. E fiz este assento, que assinei – Filipe Moreira Dias.
>
> À margem esquerda deste assento está escrito:
>
> Foi para a Índia em 17 de Março de 1807.

Os dois tempos de Portugal

Em 29 de novembro de 1807 a corte foge para o Brasil, assim no mesmo ano da morte de Simão, Teresa e Mariana (morte de Portugal?)

Em 1861 a regeneração havia começado há 10 anos. Fontes Pereira de Melo tinha acabado de sair do ministério do Reino (onde esteve de 16 de março de 1859 até 4 de julho de 1860)

Temos, assim, um discurso duplo, dois tempos que são apresentados

1. A história narrada

Estrutura semelhante a Romeu e Julieta – duas famílias rivais em uma pequena cidade. Montéquios e Capuletos.

Resumo, válido para ambas as obras:

Filhos de famílias rivais se apaixonam, o jovem mata o primo de sua amada, por isso é condenado ao desterro, o que leva à morte o casal de apaixonados

A origem aristocrática

Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de linhagem e um

dos mais antigos solarengos de Vila Real de Trás-os-Montes, era, em 1779, juiz de fora de Cascais, e nesse mesmo ano casara com uma dama do Paço, D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha dum capitão de cavalos, neta de outro, António de Azevedo Castelo Branco Pereira da Silva, tão notável por sua jerarquia como por um, naquele tempo, precioso livro acerca da arte da guerra.

Dez anos de enamorado, mal sucedido, consumira em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I minguavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente a uma filha segunda faltavam-lhe bens de fortuna: os haveres dele não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro.

O juiz de fora de Cascais, solicitando lugar de mais graduado banco, demorava em Lisboa, na freguesia da Ajuda, em 1784. Neste ano é que nasceu Simão, o penúltimo dos seus filhos. Conseguiu ele, sempre balanceado da fortuna, transferência para Vila Real, sua ambição suprema.

Em 1801 achamos Domingos José Correia Botelho de Mesquita corregedor em Viseu.

Manuel, o mais velho de seus filhos, tem vinte e dois anos e frequenta o 2º ano jurídico. Simão, que tem quinze, estuda Humanidades em Coimbra. As três meninas são o prazer e a vida toda do coração de sua mãe.

O filho mais velho escreveu a seu pai queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do génio sanguinário dele. Conta que a cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas. O corregedor admira a bravura de seu filho Simão e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o génio de seu bisavô Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que dera Trás-os-Montes.

Já aqui vemos o Simão violento, que aparecerá de forma clara em seguida, em atos e com um discurso que parece representar o eco possível da revolução francesa em Portugal.

Finalizavam as férias, quando o corregedor teve um grande dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar a beber os machos e, por descuido ou propósito, deixou quebrar algumas vasilhas que estavam à vez no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas conjuraram contra o criado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo; e, armado de um fueiro que descravou de um carro, partiu muitas cabeças e rematou o trágico espectáculo pela farsa de quebrar todos os cântaros. O povoléu intacto fugira espavorido, que ninguém se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado. Domingos Botelho bramia contra o filho e ordenava ao meirinho-geral que o prendesse, à sua ordem.

D. Rita, não menos irritada, mas irritada como mãe, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que, sem detença, fugisse para Coimbra e esperasse lá o perdão do pai.

Simão Botelho levou de Viseu para Coimbra arrogantes convicções da sua valentia. Se recordava os chibantes pormenores da derrota em que pusera trinta aguadeiros, o som cavo das pancadas, a queda atordoada deste, o levantar-se daquele, ensanguentado, a bordoada que abrangia três a um tempo, a que afocinhava dois, a gritaria de todos, e o estrépito dos cântaros afinal, Simão deliciava-se nestas lembranças (…)

No ano anterior de 1800, saíra António de Araújo de Azevedo, depois conde da Barca, a negociar em Madrid e Paris a neutralidade de Portugal. Rejeitaram-lhe as potências aliadas as propostas, (..) Luís Pinto de Sousa, mais tarde visconde de Balsemão, negociara

ignominiosa paz em Badajoz, com cedência de Olivença à Espanha, exclusão de Ingleses de nossos portos, e indemnização de alguns milhões à França.

Estes sucessos tinham irritado contra Napoleão os ânimos daqueles que odiavam o aventureiro, e para outros deram causa a congratularem-se do rompimento com a Inglaterra. Entre os desta parcialidade, na convulsiva e irrequieta academia, era voto de grande monta Simão Botelho, apesar dos seus imberbes dezasseis anos. Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros algozes e mártires do grande açougue, eram nomes de soada musical aos ouvidos de Simão. Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a ele, e bofetada certa, e pistolas engatilhadas à cara do difamador. O filho do corregedor de Viseu defendia que Portugal devia regenerar-se num batismo de sangue, para que a hidra dos tiranos não erguesse mais uma das mil cabeças sob a clava do Hércules popular.

Voltemos a Romeu e Julieta. Esta tem coragem de se casar em segredo com Romeu, mas não de enfrentar seu pai, quando este resolve casá-la com Paris. O mundo aristocrático é patriarcal, feito de poder, influência e favor. Como também mostra Camilo.

Um dia, proclamava o demagogo académico na praça Sansão aos poucos ouvintes que lhe restaram fiéis, uns por medo, outros por analogia de bossas. O discurso ia no mais acrisolado da ideia regicida, quando uma escolta de verdeais lhe aguou a escandecência. Quis o orador resistir, aperrando as pistolas, mas de sobra sabiam os braços musculosos da coorte do reitor com quem as haviam. O jacobino, desarmado e cercado entre a escolta dos archeiros, foi levado ao cárcere académico, donde saiu seis meses depois, a grandes instâncias dos amigos de seu pai e dos parentes de D. Rita Preciosa.

Mas podemos pensar que o livro representa, entre outros aspectos, um mundo aristocrático em crise, como indicam vários sinais.

1. A ruptura do modelo patriarcal
Teresa é o melhor exemplo

Para finos entendedores, o diálogo do anterior capítulo definiu a filha de Tadeu de Albuquerque. É mulher varonil, tem força de carácter, orgulho fortalecido pelo amor, despego das vulgares apreensões, se são apreensões a renúncia que uma filha fez do seu alvedrio às imprevidentes e caprichosas vontades de seu pai. Diz boa gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será aleive atribuir-lhe um pouco de astúcia, ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correcto dizer. Teresa adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se atingem por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Estes ardis são raros na idade inexperta de Teresa; mas a mulher do romance quase nunca é trivial, e esta, de que rezam os meus apontamentos, era distintíssima. A mim me basta, para crer em sua distinção, a celebridade que ela veio a ganhar à conta da desgraça.

Os pais de Teresa e Simão são impotentes diante da força do amor que os une. E eles enfrentam a vontade paterna, de forma bem distinta de Romeu e Julieta

2. A ruptura da distinção entre as classes

– Eu verei o que hei-de fazer quando o senhor Simão partir para o degredo…
– Pense desde já, Mariana.
– Não tenho que pensar... A minha tenção está feita... – Fale, minha amiga; diga qual é a sua tenção. Mariana hesitou alguns segundos, e respondeu serenamente: – Quando eu vir que

não lhe sou precisa, acabo com a vida. Cuida que eu ponho muito em me matar? Não tenho pai, não tenho ninguém, a minha vida não faz falta a pessoa nenhuma. O senhor Simão pode viver sem mim? Paciência!... Eu é que não posso...

Susteve o complemento da ideia como quem se peja de uma ousadia. O preso apertou-a nos braços estremecidamente, e disse: – Irá, irá comigo, minha irmã. Pense muito no infortúnio de nós ambos de ora em diante, que ele é comum; é um veneno que havemos de tragar unidos, e lá teremos uma sepultura de terra tão pesada como a da pátria.

Desde este dia, um secreto júbilo endoidecia o coração de Mariana. Não inventemos maravilhas de abnegação. Era de mulher o coração de Mariana. Amava como a fantasia se compraz de idear o amor duns anjos que batem as asas de baile em baile, e apenas quedam o tempo preciso para se fazerem ver e adorar a um reflexo de poesia apaixonada. Amava, e tinha ciúmes de Teresa, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em lavareda aos lábios, porque os olhos se abriam prontos em lágrimas para apagá-la. Sonhava com as delícias do desterro, porque voz humana alguma não iria lá gemer à cabeceira do desgraçado. Se a forçassem a resignar a sua inglória missão de irmã daquele homem, resigná-la-ia, dizendo: «Ninguém o amará como eu; ninguém lhe adoçará as penas tão desinteresseiramente como o eu fiz.»

3. Os planos quase burgueses de Simão

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se o não viam nas aulas, em parte nenhuma o viam. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos condiscípulos sensatos que o aconselhavam para bem, e o visitaram no cárcere de seis meses, dando-lhe alentos e recursos, que seu pai lhe não dava, e sua mãe escassamente supria. Estudava com fervor, como quem já dali formava as bases do futuro renome e da posição por ele merecida, bastante a sustentar dignamente a esposa.

As artimanhas de Teresa

Teresa pedira a Simão que aceitasse dez anos de cadeia, e esperasse aí a sua redenção por ela.

Dez anos! – dizia-lhe a enclausurada de Monchique. – Em dez anos terá morrido meu pai e eu serei tua esposa, e irei pedir ao rei que te perdoe, se não tiveres cumprido a sentença. Se vais ao degredo, para sempre te perdi, Simão, porque morrerás ou não acharás memória de mim, quando voltares.

Poderíamos pensar que é o amor que põe o mundo em perigo, mas não é bem assim. Vejamos a religião, que deveria ser um dos sustentáculos do sistema, e é apresentada de forma risível

Apenas a prioresa voltou costas, disse a organista à mestra de noviças: – Que impostora! – E que estúpida! – acudiu a outra. – A menina não se fie nesta trapalhona, e veja se seu pai lhe dá outra companhia enquanto cá estiver, que a prioresa é a maior intriguista do convento. Depois que fez sessenta anos, fala das paixões do mundo como quem as conhece por dentro e por fora. Enquanto foi nova, era a freira que mais escândalos dava na casa; depois de velha era a mais ridícula, porque ainda queria amar e ser amada; agora, que está decrépita, anda sempre este mostrengo a fazer missões e a curar indigestões.

(...)

Pouco depois, entrou a prelada com a ceia, e saíram as duas freiras.

– Que lhe pareceram as duas religiosas que ficaram com a menina? – disse ela a Teresa.

– Pareceram-me muito bem.

– (...)Ainda não são das piores; mas, se fossem melhores, não se perdia nada... (...) Paixões... que as leve o porco-sujo!... As mulheres é que ficam logradas, e eles não têm que perder!... Que eu, cá de mim, até ao presente, Deus louvado, não sei o que sejam paixões; mas quem tem cinquenta e cinco anos de convento tem muita experiência do que vê penar às outras doidivanas. E, para não ir mais longe, estas duas que daqui saíram têm pagado bem o seu tributo à asneira, Deus me perdoe se peco. A organista tem já os seus quarenta bons, e ainda vai ao locutório derreter-se em finezas; a outra, apesar de ser mestra de noviças à falta doutra que quisesse sê-lo, se eu lhe não andasse com o olho em cima, estragava-me as raparigas.

Este edificante discurso de caridade foi interrompido pela madre escrivã, que vinha, palitando os dentes, pedir à prelada um copinho de certo vinho estomacal com que todas as noites era brindada.

[Novamente a prioresa] – Esta escrivã não é má rapariga: só tem o defeito de se tomar da pingoleta; depois, não há quem a ature. Tem uma boa tença, mas gasta tudo em vinho, e tem ocasiões de entrar no coro a fazer ss, que é mesmo uma desgraça. (...)

Como tocasse ao coro nesta ocasião, a veneranda prioresa bebeu o segundo cálice do vinho estomacal, e disse a Teresa que a esperasse um quarto de hora, que ela ia ao coro, e pouco se demoraria.

Tinha ela saído, quando a escrivã entrou a tempo que Teresa, com as mãos abertas sobre a face, dizia em si: «Um convento, meu Deus! Isto é que é um convento?!»

– Está sozinha? – disse a escrivã.

– Estou, minha senhora.

– Pois aquela grosseira vai-se embora, e deixa uma hóspede sozinha? Bem se vê que é filha de funileiro!... Pois tinha tempo de ter prática do mundo, que tem andado por lá que farte...

Assim, o enredo está contextualizado de uma forma bem distinta de *Eugênia.* Não é um mundo que se constrói – como foi construída a fortuna de Grandet – mas um mundo que se dissolve, e que em breve vai ser invadido pelos franceses

É neste contexto que se desenvolve o triângulo Teresa-Simão-Mariana. Eles poderiam representar a força avassaladora do amor.

Mas não é bem assim

Simão e Teresa são, para os padrões atuais, dois adolescentes – ele tem 16, ela 15, quando se apaixonam – este aspecto é apresentado no filme *Um amor de perdição.* Não têm experiência de vida, e o amor, e suas consequências, se transformam em coisas absolutas.

Além disso, o que move Simão não é exatamente o amor

Ao cabo de dezanove meses de cárcere, Simão Botelho almejava um raio de sol, uma lufada de ar não coada pelos ferros, o pavimento do céu, que o da abóbada do seu cubículo pesava-lhe sobre o peito. Ânsia de viver era a sua; não era já a ânsia de amar.

Ele age pela honra, e não pelo amor. Um excelente exemplo é a morte de Baltasar. Teresa havia dito para ele não ir ao convento, quando ela ia ser transferida. Ele foi, e teve uma discussão com Baltasar:

– Tem a petulância de se apresentar a sua filha a confortá-la na sua malvadez! Isto é de mais! Olhe que eu esmago-o aqui, seu vilão!

– Vilão é o desgraçado que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo – redarguiu o filho do corregedor.

– Eu não o tenho feito – exclamou, enfurecido Baltasar – por entender que me avilto,

castigando-o, na presença de criados de meu tio, que tu podes supor meus defensores, canalha!
– Se assim é – tornou Simão, sorrindo –, espero nunca me encontrar de rosto com sua senhoria. Reputo-o tão covarde, tão sem dignidade, que o hei-de mandar azorragar pelo primeiro mariola das esquinas.
Baltasar Coutinho lançou-se de ímpeto a Simão. Chegou a apertar-lhe a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegaram a interpor-se entre os dois, Baltasar tinha o alto do crânio aberto por uma bala, que lhe entrara na fronte. Vacilou um segundo, e caiu desamparado aos pés de Teresa.

Matou por sentir a sua honra ultrajada, e não fugiu:

– Fuja, que a égua está ao cabo da rua – disse o ferrador ao seu hóspede.
– Não fujo... Salve-se, e depressa – respondeu Simão.
– Fuja, que se ajunta o povo e não tardam aí soldados.
– Já lhe disse que não fujo – replicou o amante de Teresa, com os olhos postos nela, que caíra desfalecida sobre as escadas da igreja.

O narrador não mente ao comentar o que ocorreu com o estudante de medicina, marido da açoriana amante de Manuel Botelho, que havia fugido com este

Poucas horas depois, a esposa do médico...
– Que tinha morrido de paixão e vergonha, talvez! – exclama uma leitora sensível.
Não, minha senhora; o estudante continuava nesse ano a frequentar a Universidade; e como tinha já vasta instrução em patologia, poupou-se à morte da vergonha, que é uma morte inventada pelo visconde de A. Garrett no Fr. Luís de Sousa, e à morte da paixão, que é outra morte inventada pelos namorados nas cartas despeitosas, e que não pega nos maridos a quem o século dotou de uns longes de filosofia, filosofia grega ou romana, porque bem sabem que os filósofos da antiguidade davam por mimo as mulheres aos seus amigos, quando os seus amigos por favor lhas não tiravam. E esta filosofia hoje então...
Pois o médico não morreu, nem sequer desmedrou ou levou R significativo de preocupação do ânimo, insensível às amenidades da terapêutica.

Não há morte por vergonha nem por paixão.

Podemos pensar que o que o livro descreve é a morte de uma sociedade. A honra, um dos pilares ideológicos da aristocracia, mata e faz morrer, nas mãos de fidalgos raivosos. A religião pouca relação tem com uma verdadeira religiosidade ou preocupação com os próximos. O próprio pátrio poder é ameaçado, e esta ameça também gere a morte. Mariana representa, em certo sentido, a inversão do mundo, pois ela é uma pequena burguesa que mantém um nobre. Pode mantê-lo, mas não pode tê-lo, só talvez em um mundo diferente, o do desterro.

Os que não morrem e representam a outra paixão do livro são os que transgrediram, mas souberam se adequar às regras do mundo quando foi necessário

Partiu para Lisboa a açoriana, e dali para a sua terra, e para o abrigo de sua mãe, que a julgara morta, e lhe deu anos de vida, se não ditosa, sossegada e desiludida de quimeras.
Manuel Botelho, obtido o perdão pela preponderância do corregedor do crime, mudou de regimento para Lisboa, e aí permaneceu até que, falecido seu pai, pediu a baixa e voltou à província.

Até aqui pensamos no enredo, mas o tempo da enunciação também é importante, e pode explicar alguns aspectos do livro.

Notemos que ele é dedicado a Fontes Pereira de Melo
Ele tem por epígrafe “Memórias de uma família”
O último parágrafo:

Da família de Simão Botelho vive ainda, em Vila Real de Trás-os-Montes, a senhora D. Rita Emília da Veiga Castelo Branco, a irmã predileta dele. [Morreu em 1872. – (Nota da 5ª edição)] A última pessoa falecida, há vinte e seis anos, foi Manuel Botelho, pai do autor deste livro.

A tensão entre ficção e história

O processo de adultério
22 de dezembro de 1859 – Pinheiro Alves desencadeia o processo
6 de junho de 1860 – Ana Plácido é presa
1 de outubro de 1860 – Camilo se entrega
23 de novembro de 1860 e 3 de setembro de 1861 – é visitado na cadeia por Pedro V
16 de outubro de 1861 – são absolvidos

A tentativa de se apresentar como um mártir do amor, como teria sido seu tio.
O oferecimento do livro a uma das mais importantes figuras políticas do país.